

CASA

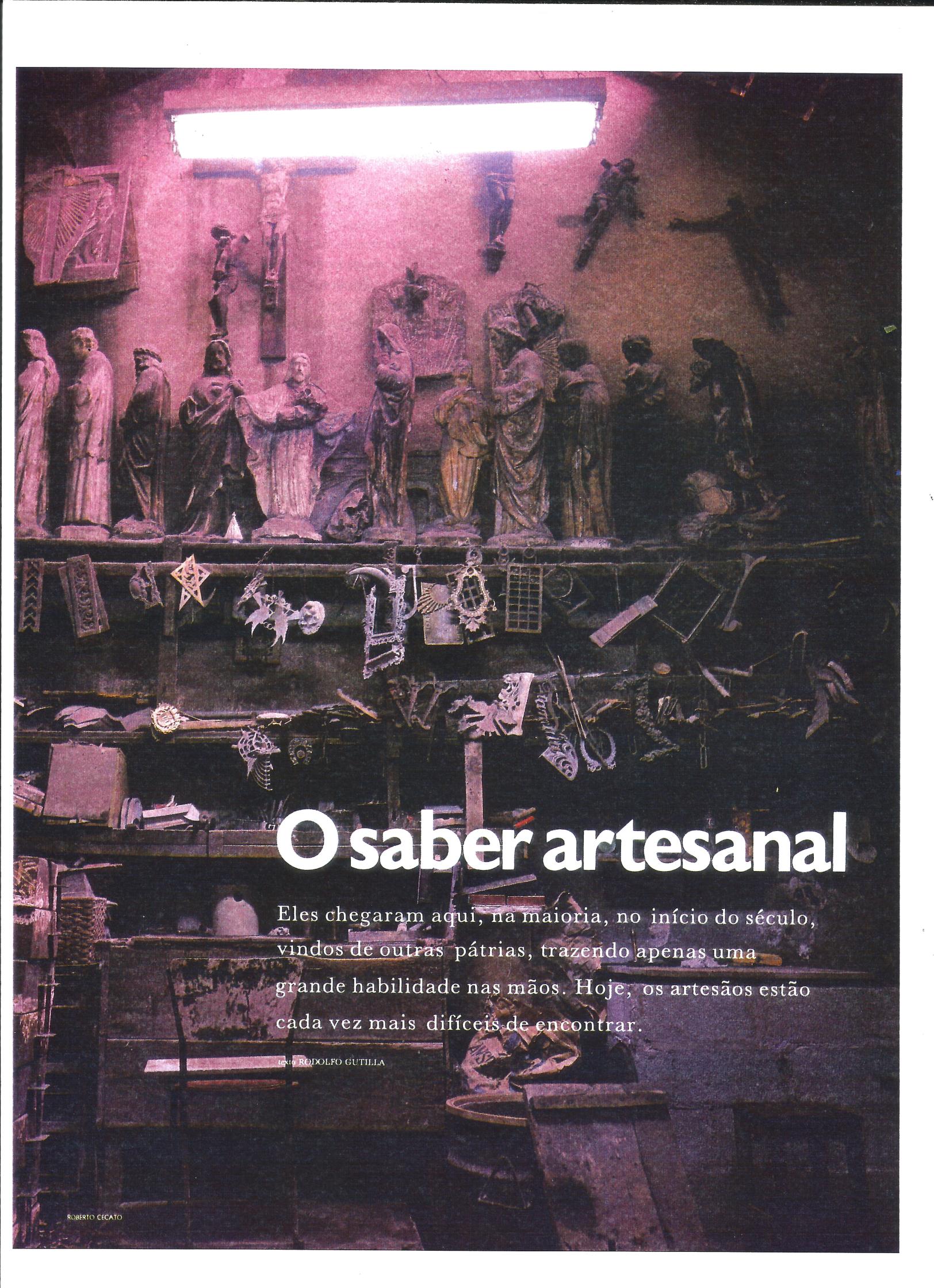
ANO 14 - Nº 4 - Cr\$ 500,00

VOGUE

BRASIL

Viva a Vida!

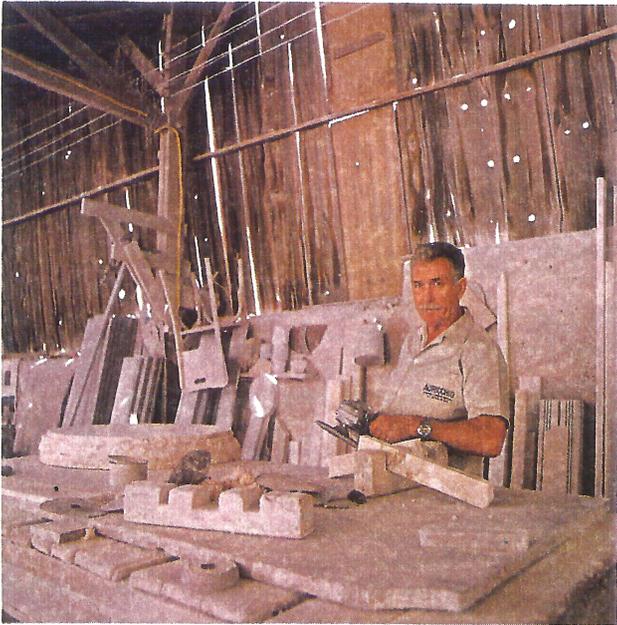
ESPECIAL
Caderno de Cozinha



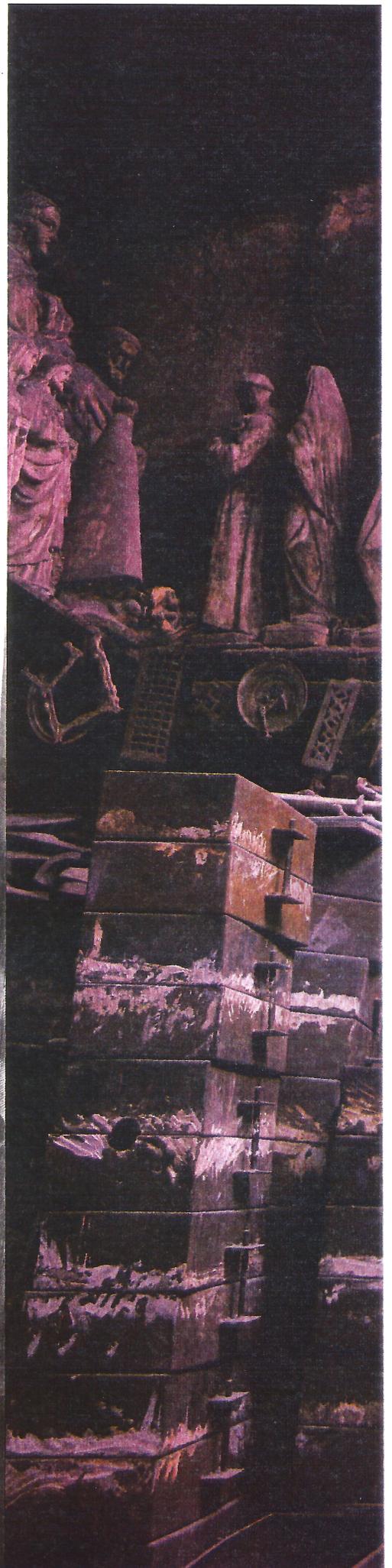
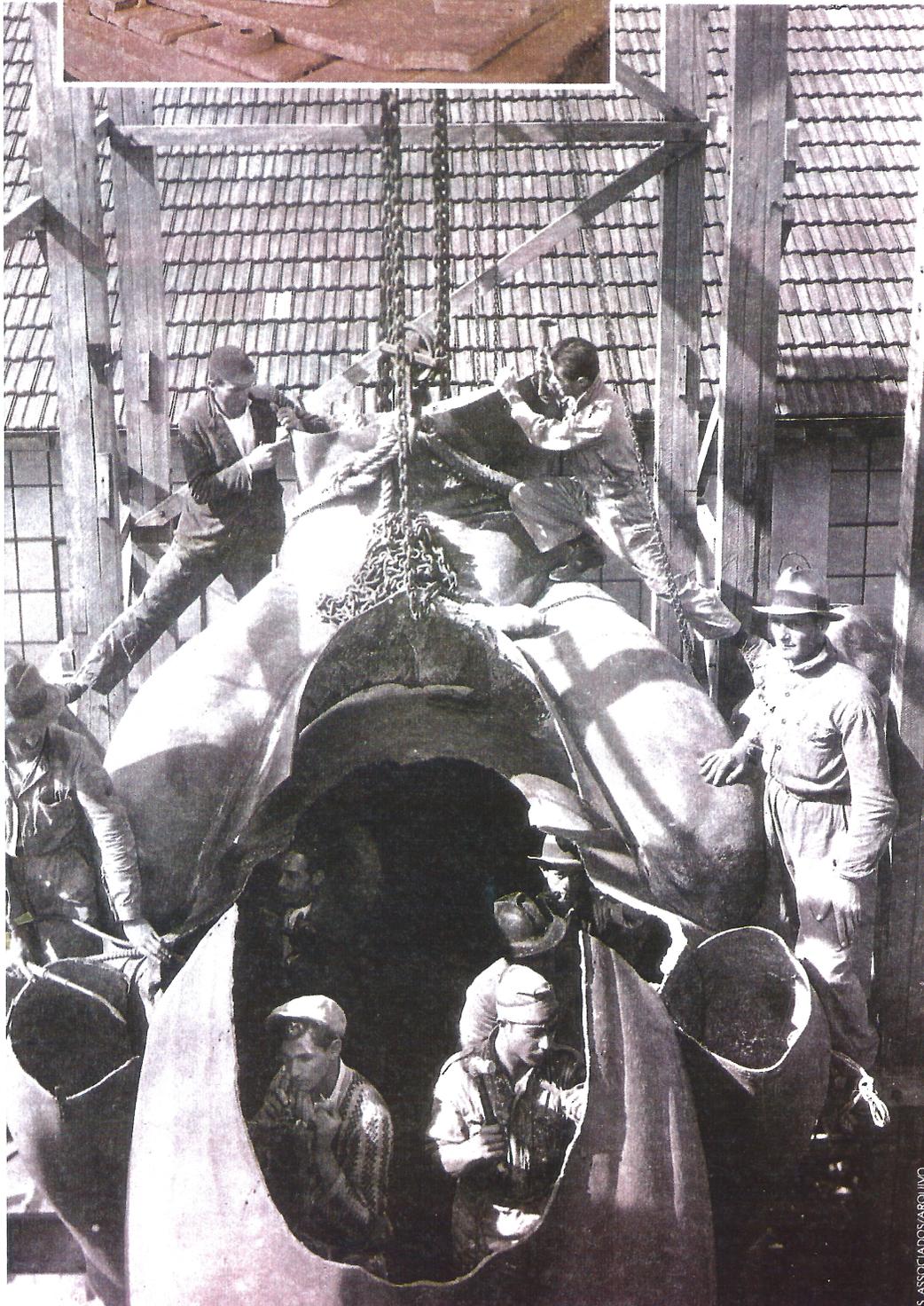
O saber artesanal

Eles chegaram aqui, na maioria, no início do século, vindos de outras pátrias, trazendo apenas uma grande habilidade nas mãos. Hoje, os artesãos estão cada vez mais difíceis de encontrar.

texto RODOLFO GUTILLA



Ao lado, Miguel Auricchio, herdeiro da marmoraria Auricchio. Abaixo, José Rebellato ao lado do cavalo, parte do monumento a Ramos de Azevedo. Na outra página, peças produzidas na fundição Rebellato.



ALENDA diz que embriagado pelo impulso de vida que emanava de Moisés, logo após terminar sua obra, Michelângelo teria dado com o cinzel no joelho do personagem bíblico e ordenado: “*Parla!*” Seguindo o exemplo do mestre renascentista, o artesão José Auricchio empenhou-se, por mais de meio século, a emprestar um pouco

de vida à pedra bruta. Dono de um talento extraordinário e com anos de aprendizado na oficina do pai, marmorista napolitano, Auricchio atravessou o oceano, deixando as encostas do Vesúvio para arriscar a sorte na *Mérida*.

Como outros operários e artesãos *oriundi*, José Auricchio chegou a São Paulo atraído pelo surto de industrialização e urbanização que a cidade vivenciava no início do século. Uma obra em especial lhe chamou a atenção: tinha ouvido falar, ainda na Itália, que o escultor Ettore Ximenes desenvolvia, nessa época, o Monumento da Independência. Auricchio integrou-se à equipe de Ximenes e não demorou a distinguir-se entre os companheiros de “canteiro”, assumindo os trabalhos de montagem das pedras.

Concluído o trabalho, montou sua oficina-*atelier* no bairro da Móoca, casou-se, teve filhos. Respeitado em seu ofício, foi convidado a assumir obras de porte, como o Monumento a Ramos de Azevedo e a Catedral da Sé. São dele o portal do templo e parte das imagens em granito que encimam os umbrais, modeladas pelo escultor alemão F. Frick.

A relação de Auricchio com a escultura foi fecunda. Boa parte das peças em pedra de escultores como Brecheret, Emendabile, Fracarolli e Bruno Giorgi, entre outros, foi realizada pelo mestre napolitano.

Do Rabisco ao Projeto. “O que pouca gente sabe”, conta Miguel Auricchio, herdeiro da aventura marmorista paterna, “é que peças fundamentais da escultura brasileira contemporânea

saíram das mãos de meu pai”. Miguel lembra que, ainda rapazote, trabalhou nas peças que José Auricchio realizava para os artistas: “Aos dois anos eu engatinhava entre as pedras da oficina de meu pai. Aos onze, fazia esculturas para a catedral. Mestres artesãos já nascem prontos. É um dom que o indivíduo carrega dentro de si e, invariavelmente, acaba por aflorar à superfície. O resto é trabalho, para retirar o rendimento máximo deste dom”.

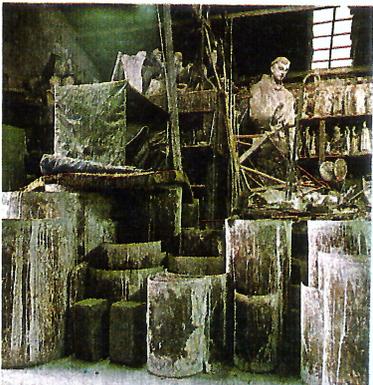
Iniciado ainda adolescente no ofício de marmorista, Miguel Auricchio executa com idêntica mestria o trabalho que consagrou o pai. De sua oficina saíram o imenso portal do edifício Gomes de Almeida Fernandes, o piso, a balaustrada e mesas do Banco Bozzano-Simonsen e dezenas de peças menores feitas sob encomenda pelos decoradores Sig Bergamin e Ugo di Pace, ou para a loja Se Esta Rua Fosse Minha...

“São muitos os clientes que chegam aqui com um rabisco”, diz Miguel. “Possuem uma vaga idéia sobre um lavatório ou uma coifa. Outros querem um piso em mosaico, uma banheira que viram em revistas. Isto para não falar dos escultores e seus projetos. Realizamos todas as peças. No mínimo, o cliente vai embora com um projeto finalizado”.

Mesmo raros, ainda é possível descobrir bons profissionais na arte de fazer vitrais, entalhar madeira ou tecer tapetes.

Mudando a Cidade. Além de Auricchio, o Monumento da Independência trouxe ao Brasil uma outra linhagem de artesãos. Um outro José: o mestre de fundição em bronze José Rebellato. Ele também deixou sua marca em grandes obras - entre elas, o Teatro Municipal - e em boa parte dos monumentos paulistanos. Natural de Padova, a família Rebellato chegou ao Brasil movida pelo sonho de encontrar a Terra da Promissão. A realidade foi outra.

Premido pelas dificuldades financeiras que a família enfrentava, aos dez anos José Rebellato empregou-se como servente na Fundição Ximenes, criada pelo escultor para dar suporte às obras do Monumento da Independência em 1918. Mais da metade dos bronzes que compõem o monumento de 60 toneladas foi fundida nesta oficina sob os olhos atentos do menino; que de servente passaria a aprendiz. Nos seis anos seguintes, Rebellato foi iniciado nos mistérios do metal e na arte da escultura. Em 1924, José Rebellato seria admitido no Liceu de Artes e Ofícios como Mestre em Fundição, cargo que ocuparia por onze anos. Neste período, Re-



JARDIM TROPICAL

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 32

fundo conhecimento do objeto. O jardim tropical, por equívoco transformado num modismo fugaz, hoje só encontra receptividade se adaptado a situações onde a rusticidade e a natureza rebelde se fazem aceitáveis. É, no entanto, e antes de tudo, uma experiência estética e cultural através da qual nos apropriamos desta nossa imensa riqueza natural. E ainda que fosse esta a única razão, devemos resgatá-lo.

Citações. "Passamos nossos dias na floresta, usufruindo a beleza das árvores frondosas e das criaturas que vivem sob sua proteção". "Há flores para se pintar em quantidade: as flores rosas e brancas da *Gustavia augusta*, as vermelhas e roxas da delicada orquídea *Rodriguezia secunda* e as delicadamente perfumadas do *Epidendrum fragrans*". "Para todo lugar que olharmos na floresta úmida, achamos bromeliáceas, a maior parte crescendo sobre as árvores ou ramos, como se estivessem ali fixadas por mágica", Margaret Mee.

"Através do jardim, da planta brasileira, experimento construir um espaço da respiração e da reflexão, procuro uma forma de identificar-me com aqueles que buscam, na vida, maiores possibilidades de equilíbrio ou, pelo menos, disposição na perseguição desse objetivo", Roberto Burle Marx.

NATUREZA ÍNTIMA

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 12

interferir mais, "rolar a bola", como diz Fabrizio, no interno deve proporcionar, ao usuário, seu perfeito ajustamento ao ambiente. Se ele não gosta de borboletas só restará ao arquiteto dois caminhos: convencê-lo de que elas são inofensivas e telúricas, ou, então, vedar as frestas.

A LUZ DE VELAS

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 62

Ihabela, um caráter de paz e tranquilidade. E nisso se inclui a praticidade. Ao contrário de seu apartamento, um belo cartão de visitas do que a *designer* cria e comercializa, a casa da ilha não tem ornamentos que não carreguem também uma

função prática. A maior parte dos móveis é de alvenaria, salvo um arquivado antigo que restou de um hotel, em madeira, e uma tulha deixada num velho armazém. Uma ou outra cadeira solta, alguns tapetes de Bali e dezenas de vasos fartamente arranjados com flores nativas arrematam o que ela chama de uma despojada decoração. Mesmo os tecidos dos estofados não fogem à simplicidade, feitos de tecido de forração para colchão.

Tudo isso, que hoje se vê pronto, foi construído ao longo daqueles doze anos. Adriana conta que sua única fonte de inspiração foram as casas da região, numa pequena pesquisa estética que ela andou fazendo pela ilha.

Nesses anos, Adriana mais acrescentou coisas que modificou, na casa. Mudança mesmo foi só o puxado da varanda que passou a abrigar a cozinha, para que esta se integrasse com o mar e a natureza. "Para que a gente pudesse tomar café vendo o mar", conta.

Na varanda, Adriana ainda aproveitou os batentes e pilares para fixar pontos para apoiar rede, num jogo que chega a permitir 64 combinações de colocação. Não há como não se integrar. Se a falta de luz elétrica já faz com que as pessoas tenham que se procurar, o jogo das redes completa a brincadeira. Sem luz artificial, o grande programa do fim de tarde, por exemplo, é ver o sol que, naquele trecho da ilha, se deita no mar. "O fim de tarde aqui é bucólico", define Adriana.

TEATRO DAS ARTES

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 67

co. Não fosse a claridade dos móveis e das paredes, para criar o justo contraste que ressalta as peças, e só faltaria uma bruma para velar as peças como relíquias perdidas num espaço fora do tempo. Longe de qualquer sensação de mistério, o que acontece nesse apartamento é mais uma reverência, um reconhecimento das manifestações artísticas que, a seu modo, chegaram em resultados felizes.

Mas é bom, antes que se conclua, esclarecer que o papel desses personagens não é o de peças de museu. E sempre acaba havendo uma certa integração entre o mármore esculpido e a CD.

CENÓGRAFO DO TEMPO

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 59

a nata da aristocracia européia e milionários do mundo inteiro faziam parte de seu seletto rol de clientes.

Mongiardino admite que suas adaptações dos estilos históricos são nostálgicas, mas estão sempre um passo à frente. Ele é veementemente contra os *composés* esquemáticos de cores e às disposições convencionais dos móveis - o sofá entre duas mesas em frente à lareira e assim por diante.

Com Mongiardino nasceu a chamada Grande Decoração. Ele é o mestre nessa arte e, sem dúvida, o mais grandiloquente. Não é à toa que seja o preferido dos poderosos do mundo inteiro. Seus ambientes são cenários perfeitos para vidas bem-sucedidas.

ENCHANTED COTTAGE

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 46

a charmosa escada em forma de espiral foi inteiramente refeita. Um desenho de J. S. Alpenny, datado de 1814, serviu de guia para a restauração do intrincado alpendre em forma de galho que enfeitava as varandas. As treliças descobertas da fachada foram reaplicadas com a mesma planta que sustentavam originalmente. Enquanto isso, começaram as pesquisas dos interiores do século 19. A pouca informação disponível indicava que, apesar de pouco mobilizadas, as *cottages* ornés geralmente apresentavam uma impressionante riqueza de detalhes. Um exemplo disso é o papel de parede da sala de estar, tão precioso que era peça de coleção de um especialista. Para a restauração das paredes dos outros ambientes, Sally Aall, depois de exaustiva pesquisa, descobriu o californiano Garth Benton, especializado em pintura de segmentos perdidos de papéis de paredes e murais. Seu trabalho no Chalé Suíço demorou mais ou menos um ano para ser completado. O mobiliário de época foi encontrado no Victoria & Albert Museum. Um jogo de cadeiras do século 18 entalhado em madeira foi emprestado pelo museu que inclusive indicou o artesão William Kelly da oficina de Sussex para a reprodução das peças. O novo serviço de jantar foi criado especialmente pela Tiffany. A reforma do Chalé Suíço de Conty Tipperary, um projeto tão romântico quanto sua própria construção, foi concluída e a casa está hoje aberta ao público como referência histórica e artística.

O SABER ARTESANAL

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 80

bellato foi responsável pela formação de uma geração de artesãos que, como ele, acabariam por operar uma transformação estética radical nas feições da cidade.

Quando Rebellato montou sua própria oficina, na década de 30, seu prestígio era muito grande. Apaixonado pela escultura, ele realizou trabalhos para Brecheret, Emendabile, Bruno Giorgi e Luis Morrone. "Quando estamos diante de uma escultura", comenta Enivaldo Rebellato Lupi, neto do mestre artesão e atual proprietário da fundição, "raramente nos damos conta que existe ali o trabalho de um outro artista que é o artesão, responsável pela beleza e equilíbrio do conjunto. É, pois, impossível dissociar a história dos grandes monumentos e esculturas das vidas dos mestres, seus realizadores".

mente, a Conrado Vitrais está sob a supervisão da quarta geração de aprendizes dos velhos mestres.

Serralheria Artística • Luciano Mischi, tel.: (011) 93-0026, São Paulo. Luciano Mischi iniciou o ofício de serralheiro em 1929, aos 11 anos de idade, na Polizotto e Cia. Ltda., uma conceituada oficina que, na época, prestava serviços ao Liceu de Artes e Ofícios. Trabalhando lado a lado com os mestres artesãos europeus, Luciano tornou-se um deles, dominando o ofício e a arte da ornamentação em ferro forjado. Em 1947, ao lado do mano Augusto, Luciano montou a Mischi e Irmãos Ltda., executando portas, vitros, mesas e guarnições para os cinemas Rio e Bristol e para particulares, além de armações para os vitrais de Conrado Sorgenicht F.º. Atualmente, o mestre Luciano Mischi executa portas, janelas, lustres e armações para vitrais sob encomenda.

Cerâmica Artística • Oficina Cerâmica Francisco Brennand S/A. Propriedade Santos Cosme e Damião, Várzea, tels.: 271-2466 e 271-2623, Recife, Pernambuco. Segunda geração de ceramistas, o artista plástico Francisco Brennand iniciou a sua "aventura cerâmica" - expressão por ele utilizada - na década de 70, a partir de técnicas que o pai havia desenvolvido no contato com os oficiais ceramistas portugueses de sua oficina, e nos trinta anos em que realizou pesquisas no interior nordestino em busca de matéria-prima. Além de pisos, a oficina de Francisco Brennand concebe e executa murais, pórticos e tapetes cerâmicos assinados pelo artista. • Megume Yuasa (Cerâmica Aruan), Av. Brasil, 1594, tel.: (011) 881-8655.

ARTESÃOS DO BRASIL. Não são muitos os que ainda hoje detêm um determinado "saber" artesanal. A produção seriada, bem como a linha de montagem, conseqüências diretas da industrialização, acabaram cooptando os potenciais aprendizes e dispersando o vasto patrimônio de técnicas artesanais. Mesmo assim, é possível encontrar, ainda hoje, em alguma velha e empoeirada oficina, alguns poucos herdeiros destes "saberes".

Fundição em Bronze • Bronzes Artísticos Rebellato. Rua Cônego Eugênio Leite, 808, Pinheiros, tel.: (011) 280-6702, São Paulo. Enivaldo Rebellato Lupi aprendeu o ofício de seu avô através do "sistema italiano": "Comecei como servente, aos 18 anos, carregando sacos de carvão, até dominar todo o processo". Enivaldo já realizou esculturas para Bruno Giorgi, Vasco Prado e Felícia Lerner entre outros. Além de esculturas, a fundição fabrica maçanetas, dobradiças, cremalheiras e guarnições em bronze.

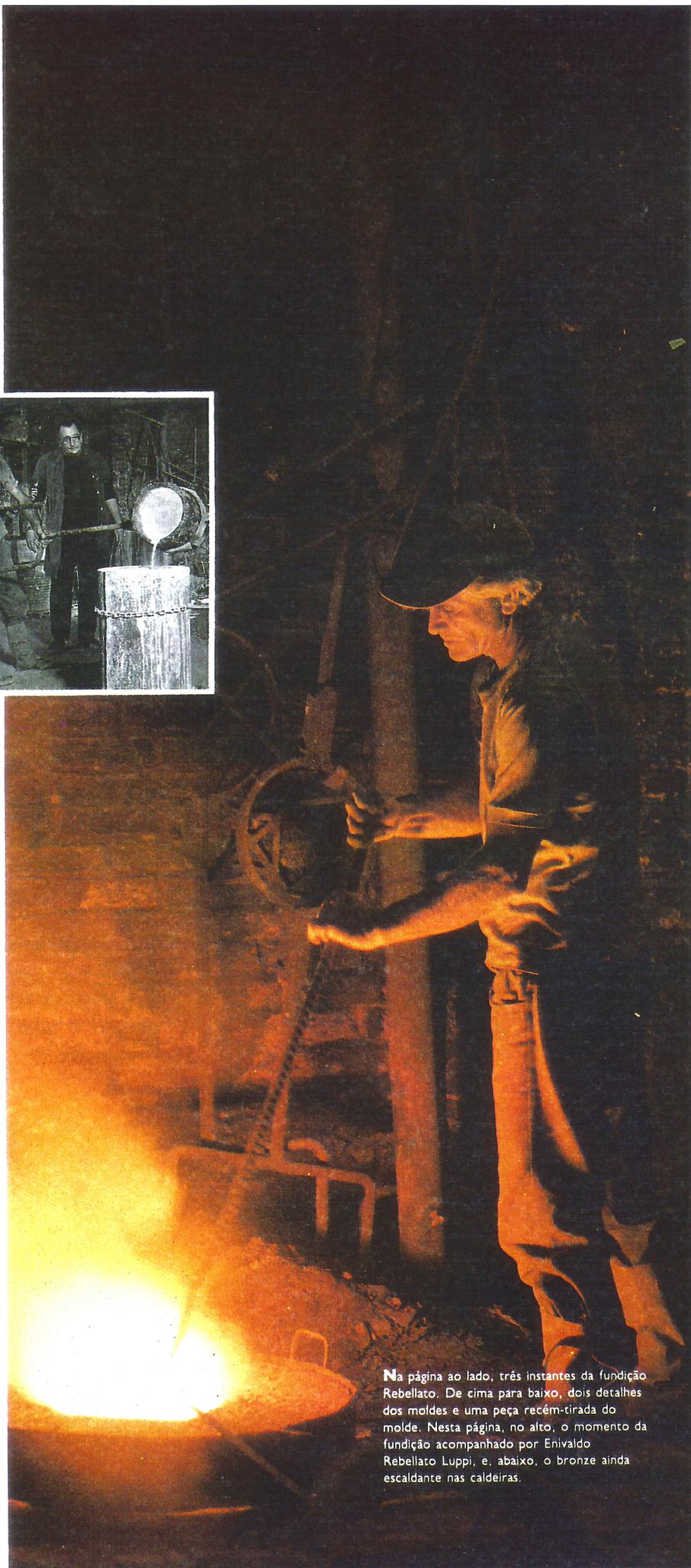


Marmoraria • Auricchio Comércio e Indústria de Mineração Ltda. Rua do Oratório, 305/A. Móoca, tels.: (011) 92-6220 e 93-6420, São Paulo. Em uma oficina instalada pelo patriarca José, há cerca de 60 anos, a equipe de artesãos comandada pelo mestre Miguel Auricchio realiza peças em pedras nobres, como o mármore e o granito. Portais, pisos em mosaico, guarnições para lareiras e lavatórios são a sua especialidade. • Paulo Buzollo, Av. Eusébio Matoso, 374, tel.: (011) 813-2418; João Lopes, Rua Barão do Rio Branco, 2764, tels.: (0242) 42-3595/2190.

Cortinas, Matelassês • Bruna De Marchi, Al. Franca, 1584, tel.: (011) 852-7484.

Molduras Artesanais • Miguel Curia, Rua Dr. Mello Alves, 541, tel.: (011) 881-0456; • Andrea Liberal, Rua Aristides Lobo, 134-A, tel.: (021) 293-4292.

Vitrais • Conrado Vitrais e Cristais Ltda., tels.: (011) 514-3768, 240-9437 ou 287-5174, São Paulo. A grande maioria dos vitrais que iluminam alguns dos mais importantes templos e edifícios da cidade de São Paulo foi realizada pela Conrado Vitrais, fundada pelo mestre artesão alemão Conrado Sorgenicht, em 1888, no bairro da Luz, e comandada, até recentemente, por Sorgenicht F.º, mestre vitralista insuperável em seu ofício. O clã Sorgenicht foi responsável pela execução dos vitrais do Teatro Municipal, da Catedral da Sé, do Parque da Água Branca e da FAAP entre tantos outros. Atual-



Na página ao lado, três instantes da fundição Rebellato. De cima para baixo, dois detalhes dos moldes e uma peça recém-tirada do molde. Nesta página, no alto, o momento da fundição acompanhado por Enivaldo Rebellato Lupi, e, abaixo, o bronze ainda escaldante nas caldeiras.

Tapeteira • Tapetes Santa Helena, São Paulo, telefones: (011) 257-9338 / 256-8448; Porto Alegre, (0512) 21-2728; Curitiba, (041) 264-3133; e Belo Horizonte, (031) 335-2578. *A Tapetes Santa Helena foi fundada em 1923, pelos Irmãos Antonio e Martin Friedmann. Recém-chegados da Hungria, não sem muitos sacrifícios, os mestres tapeceiros fabricaram os seus primeiros teares manuais e formaram moças da colônia húngara na técnica do nó Ghiorde (ou nó turco). A receptividade foi tal que, na década seguinte, os irmãos tinham cerca de 300 funcionários trabalhando na fábrica que funcionava na rua Antônia de Queiroz (onde hoje está o Arquivo do Estado), executando peças para grandes hotéis e edifícios públicos. Atualmente, o filho do patriarca Martin, Roberto Friedmann, é quem dirige a empresa que, ainda hoje, mantém o modo de produção artesanal que a consagrou. Além de sua própria linha de tapetes, a Santa Helena executa projetos personalizados e oferece serviços de restauração e lavagem de tapetes de procedência.* • Afonso Xavier, Rua do Rocio, 89, tel.: (011) 210-3639. • Avelino Ramos, Rua Correia Vasquez, 25, tel.: (021) 273-8899.

Gesseiros • Paulo Dalbot, Rua Otávio T. Mendes Sobrinho, 293, tel.: (011) 563-8850. • Francisco Scheiner, Estrada do Colégio, 526, tel.: (021) 371-5440.

Marceneiros • Miguel Nogaes, Rua Antonio Frederico, 330, tel.: (011) 63-3730. • Luciano Cunha, Rua João Romariz, 316, tel.: (021) 270-4293 e 280-3266. • Afonso Marques Pereira, Av. Suburbana, 1285, fundos, galpão I, tel.: (021) 261-4473.

Pinturas trompe l'oeil • Dominique Jardy, Rua Bambina, 67, apartamento 303, tel.: (021) 266-0415.

Marcenaria • Liceu de Artes e Ofícios, Rua Cantareira, 1351, tel.: (011) 227-5611, São Paulo. Criado em 1895, o Liceu serviu de fonte de mestres de ofício para os ornamentos que revestiram as fachadas de construções públicas e particulares da primeira metade do século, em São Paulo. Das suas oficinas saíram os artistas que trabalharam na construção de importantes edifícios, como o Teatro Municipal, de 1911, a atual Pinacoteca do Estado, que em 1900 era a sede do Liceu e o Mercado Municipal, também da mesma época. Todos, e não por coincidência, projetados por Ramos de Azevedo, proprietário do maior e mais importante escritório de arquitetura e engenharia dos 25 primeiros anos do século. • Miguel Nogaes, Rua Antonio Frederico, 330, tel.: (011) 63-3730. • Luciano Cunha, Rua João Romariz, 316, tel.: (021) 270-4293 e 280-3266. • Afonso

Marques Pereira, Av. Suburbana, 1285, fundos, galpão I, tel.: (021) 261-4473.

FINGERMANN, INTENSIDADE VISUAL DA PINTURA

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 70

solveu fazer um curso superior de arquitetura ("Para obter alguma formação, também humanística; os cursos superiores de arte, por aqui, estavam longe disso"), mesmo sem pretender exercer a profissão; e transitou, rapidamente, pela Escola Brasil.

Formado em 78, Fingermann começou a expor em 79. Logo depois, para sobreviver, começou também a dar aulas particulares, muito mais sob a forma de diálogos do que de qualquer ensino técnico. Entre 1976 e 1985, passaram por seu atelier uns duzentos alunos, entre os quais o badalado grupo Casa 7, que na década de 80 fez um sucesso muito mais vertiginoso que o do mestre. (As razões disso, definitivamente, não têm que ser discutidas aqui.) A essa altura, Sérgio Fingermann se tornou um gravador de grande qualidade e apuro técnico, e foi até como gravador que individualizou, primeiro, seu nome. Mas, nos últimos seis anos, suas questões básicas são mesmo as da pintura. Continua a gravar, de vez em quando, assim como faz desenhos e também aquarelas, que não expõe: "É uma questão de domínio. O artista tem a obrigação de conseguir se expressar em todas as técnicas".

Até muito recentemente, as pinturas (bem como as gravuras) de Fingermann eram identificadas por seu caráter nitidamente figurativo, com o uso de alguns símbolos que percorriam toda a obra, lembranças e arquétipos, permutados de um quadro para outro. Foi numa exposição realizada há três meses, em São Paulo, que se descobriu que sua rota sofrera uma radical correção. Aprofundando a busca da essência, e, por extensão, da pintura pura, do fenômeno da pintura em si, Fingermann partiu para telas abstratas, cujo resultado visual lembra a abstração informal: gestos soltos, cores e texturas superpostas. Mas o processo de criação de Fingermann não tem nada da expressividade imediata que caracteriza esse tipo de linguagem. Ao contrário, ele dialoga, consciente e lentamente, com cada tela, que constrói por camadas de trabalho e de cor: "É necessário dar um tempo, ter dúvidas; sa-

ber que o que se faz não é o que estava antes na cabeça, mas sim o que resulta do ato de fazer". Grandes pinturas desse tipo, executadas em lona de 2 m. x 2 m., constituem a atual fase de Sérgio Fingermann, que ele apresentará, em janeiro de 91, na França - sua primeira exposição individual no exterior. A escolha da França é uma homenagem inevitável. Há seis anos, Sérgio se casou com a psicanalista francesa Dominique (com quem tem os filhos Mathias, 5, e Elisa, 1 ano e meio), e é na cidade de Dominique - a bela Montpellier, no Sul do país - que ele estreará na Europa, numa galeria instalada nas arcadas de uma construção do século 14. Além disso, e principalmente, a França é a pátria de Matisse e Bonnard, nomes obrigatórios em seu panteão de mestres clássicos, junto com o italiano medieval Giotto, cujos afrescos na Capella Degli Scrovegni, em Pádua, são o mais belo conjunto monumental que Fingermann já viu em toda a vida.

A adoção das lonas partiu de uma razão simples e prática: o transporte. As telas em chassis complicariam a jogada. Mas, como sempre acontece - sobretudo num artista que, confessadamente, dialoga a todo tempo com o fazer -, criou-se uma interação. As obras sobre lona são ainda mais soltas que as pinturas sobre tela, as camadas de tinta e os gestos fluem com largueza, liberando o que, neste momento da trajetória, se torna a poesia específica de Fingermann. É uma arte harmoniosa, sem conflito, mas também sem nenhuma superficialidade. A densidade buscada pelo artista se soma ao prazer, à sensorialidade (quase sensualidade) da pintura e a uma tranquilidade de resultados que provém de um visível crescimento posterior.

ERRATA

Na última edição de *Casa Vogue*, na seção Notas, informamos erroneamente o número de telefone da Chez Vous. O correto é (061) 226-0853.

ENDEREÇOS

COZINHAS

CUISINE ELGIN - São Paulo: Av. Cidade Jardim, 770, tel.: (011) 212-3544 • DOZIL - São Paulo: Av. Brig. Faria Lima, 564, loja C, tel.: (011) 280-8071 • FORMAPLÁS - São Paulo: Av. Europa, 548, tel.: (011) 280-9911 • SECURIT - São Paulo: Av. Europa, 418, tel.: (011) 853-5014.

CERÂMICAS

GUAINCO/CHIARELLI - São Paulo: Av. Brasil, 681, tel.: (011) 885-2583 • ARUAN - São Paulo: Av. Brasil, 1594, tel.: (011) 881-8655. • FRANCISCO BRENNAND - Recife: Propriedade Santos Cosme e Damião, tel.: (081) 271-2466 • CERAMICORES - São Paulo: Rua Guiratinga, 557, tel.: (011) 275-9455 • CERAMITÁLIA - São Paulo: Al. Palmaris, 83, tel.: (011) 542-2620 • CEUSA - Urussanga: Rod. CS 446, km. 17, tel.: (0484) 65-1311 • EUROVILLE - São Paulo: Rua Tabapuã, 1457, tel.: (011) 813-6582 • GAIL - Guarulhos: Rua Cavadas, 899, tel.: (011) 208-6011 • GERBI - São Paulo: Av. Pompéia, 2175, tel.: (011) 65-8149 • GYOTOKU - Suzano: Rua Baruel, 2000, tel.: (011) 476-1733 • H. CERÂMICA - São Paulo: Av. Cidade Jardim, 719, tel.: (011) 814-5393 • IDEAL STANDARD - São Paulo: Rua Leopoldo Couto de Magalhães Jr.,

164, tel.: (011) 853-1955 • INCEPA - São Paulo: Av. Brasil, 2188, tel.: (011) 280-7966 • SANTO ANTÔNIO - São Paulo: Av. Brasil, 2000, tel.: (011) 881-3776 • PORTO FERREIRA - Porto Ferreira: Av. 24 de Outubro, 01, tel.: (0195) 81-1736 • SANT'ANNA - Diadema: Rua João Corrêa de Sá, 97, tel.: (011) 745-4477 • SÃO CAETANO - São Caetano do Sul: Rua Casimiro de Abreu, 04, tel.: (011) 441-2944 • SUMARÊ - São Paulo: Al. Joaquim Eugênio de Lima, 1787, tel.: (011) 887-3260 • IASA - Recife: Rua Engenho São João, s/n, tel.: (081) 271-3177 • VIDROTIL - São Paulo: Rua Loefgreen, 1496, tel.: (011) 549-9714.

BANHEIROS

CELITE - São Paulo: Av. Cidade Jardim, 832, tel.: (011) 210-8411 • DECA - São Paulo: Av. Paulista, 171, 7º andar, tel.: (011) 251-3188 • IDEAL STANDARD - São Paulo: Rua Leopoldo Couto de Magalhães Jr., 164, tel.: (011) 829-3311 • INCEPA - São Paulo: Av. Brasil, 2188, tel.: (011) 280-7966 • BAX - São Paulo: Av. Brasil, 557, tel.: (011) 887-1826 • INTERBAGNO - São Paulo: Av. Cidade Jardim, 957, tel.: (011) 813-0666 • JACUZZI - São Paulo: Rod. Valdomiro C. Camargo, km 53,5, tel.: (011) 409-1711.